

VISÃO DO EDITOR

NINGUÉM ATENDE AO PEDIDO DO PRESIDENTE

As turbulências no mercado de câmbio, que elevaram a cotação do dólar para quase R\$ 2, acenderam o sinal vermelho nas empresas. Ao comentar a disparada da moeda norte-americana, os empresários avisaram que vão repassar a desvalorização do real para os preços. Ou seja, embora o valor da moeda norte-americana tenha recuado para R\$ 1,975 na sexta-feira, o brasileiro gastará mais para comprar comida, remédios, eletrodomésticos e outros produtos disponíveis em lo-

jas e supermercados.

Com isso, dificilmente os índices que medem a inflação para o consumidor ficarão abaixo de 1% ao mês até o final do ano e devem fechar 1999 com uma taxa acumulada entre 7% e 8%. É um índice alto, concordam economistas e analistas do mercado financeiro. Mas quem acompanha de perto a escalada do dólar e os custos das matérias-primas garante que ninguém atenderá ao apelo do presidente da República. Na quarta-feira, quando a cotação da moeda norte-ameri-

cana superou R\$ 2, Fernando Henrique Cardoso pediu aos empresários que segurassem os preços. Foram palavras inúteis, dizem os analistas, baseados nos indicadores da economia.

Desde janeiro, quando o governo mudou a política cambial, o dólar subiu 64%. Mas não é apenas a desvalorização do real que pressiona os preços. Os custos das empresas aumentaram com a alta dos combustíveis, da energia elétrica e das tarifas de telefone. Também pesaram na conta os juros elevados e os gastos com a manutenção de parques fabris ociosos. Todos esses aumentos foram captados pelas pesquisas que medem a inflação no atacado, como é o caso do Índice Geral de Preços do Mercado, o IGP-M, da Fun-

dação Getúlio Vargas. De janeiro a setembro, o IGP-M acumula uma alta de 13,29%.

Para o consumidor, no entanto, os reajustes não foram tão expressivos. A inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor, o INPC, pesquisado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), subiu 5,62% do início do ano até o mês passado. A diferença entre os preços no atacado e no varejo indica que as empresas não conseguiram passar adiante grande parte da alta dos custos, porque

o consumidor sem dinheiro no bolso e com medo de perder o emprego deixou de comprar e rejeitou principalmente os produtos que subiram muito. Ou seja, a recessão ajudou o governo a segurar a inflação.

Mas na avaliação de alguns economistas será mais complicado manter as taxas abaixo de 1% ao mês daqui para a frente. Reanimada pelo aumento de consumo tradicional no final do ano, a economia abre espaço para alta dos preços e as empresas devem aproveitar a oportunida-

O AUMENTO DO CONSUMO NO FINAL DO ANO ABRE ESPAÇO PARA ALTAS DE PREÇOS, E AS EMPRESAS DEVEM APROVEITAR PARA RECUPERAR OS LUCROS

VERENE WOLKE, SUBEDITORA DE ECONOMIA



de para recuperar parte do lucro que perderam ao longo do ano.

Para os pessimistas, uma onda de alta dos preços agora vai obrigar as empresas a aumentar salários e isso pode trazer de volta a indexação da economia. A retomada do mecanismo de correção automática de preços e salários pela inflação passada conduziria o país a caos. Mas, na opinião dos otimistas, nada disto acontecerá e 1999 não será um ano tão ruim e o Brasil vai recuperar o crescimento em 2000, com inflação baixa e contas públicas ajustadas. É esperar para ver.